

Em minha sincera opinião, o curso de Letras Modernas da UESB possui pontos positivos e negativos. Enquanto aos pontos positivos, posso pontuar o corpo docente como de nível exemplar, professores muito preparados para a prática docente e comprometidos com a disciplina. No entanto, o que pude notar é que existe muito pouco foco na preparação do aluno para a prática docente, as disciplinas de metodologia deixaram a desejar, os professores focaram muito na questão gramatical e as questões pertinentes à preparação do futuro professor não foram bem discutidas e trabalhadas (opinião minha, o que não quer dizer que um outro colega possa discordar de minha posição). No que tange à grade curricular, acho que é um consenso entre os alunos que parece que estudamos mais do que os demais cursos. Muito ouvi os colegas reclamarem de disciplinas que nada contribuíam para a prática docente desses futuros professores. Essa opinião fluía principalmente por parte daqueles alunos que estavam interessados apenas na língua estrangeira, e que tinham por obrigação estudar sobre assuntos que, para eles, naquele momento, eram irrelevantes.

Acho que um curso voltado apenas para o ensino/aprendizagem de língua estrangeira seria mais interessante para quem quer trilhar os caminhos da língua estrangeira. Por outro lado, reconheço que, para a minha pessoa, foram de grande valia essas outras disciplinas, pois, pude ampliar o meu campo de conhecimento e pude dialogar com outras áreas das letras, essas me possibilitaram criar um campo conceitual mais amplo sobre o mundo da linguagem que é o diferencial do aluno de letras em relação àqueles que ensinam a língua mas que não possuem uma formação na área. Obviamente que tive momentos em que eu mesmo me perguntava qual a relevância de certos conteúdos, quando os mesmos pareciam estar tão distantes da realidade da escola, e só me serviriam para aquele momento de debate em sala de aula (estou falando das teorias da literatura, retórica, etc), me interessei por literatura, mas não estava nem um pouco interessado na discussão em volta dela. Reconheço que existem aqueles que discordariam de mim, mas precisamos nos apegar com aquilo que nos traz algum retorno e, no meu caso, ler sobre as teorias literárias não surtiram nenhum efeito, só me cansavam e eu não consigo enxergar até hoje ciência naquilo.

O que me deixava mais chateado não é nem a questão do ensino em si, mas a falta de compromisso de muitos colegas, pessoas que chegam atrasadas, saem da sala com muita frequência (essa é uma questão cultural que me incomoda e que precisaria ser discutida, penso que muitos professores evitam fazer tais comentários por acharem que talvez as pessoas ali presentes têm a liberdade de ir e vir, mas tudo tem o seu limite. Existem momentos que, mesmo enquanto aluno, dava vontade de eu mesmo pedir silêncio aos conversadores, parece algo irrelevante, mas alguém que tivesse acostumado a outra clientela, talvez estranhasse tal comportamento, como tive a oportunidade de observar por mais de uma vez os professores fazerem).

Mas, o pior de tudo é saber que tem gente que mal compreende a língua (seja nos termos da escrita ou da fala) e que são APROVADAS. Vi casos de aluno que terminam a graduação e mal conseguem manter um diálogo básico. Em minha opinião, a regra da reprovação deveria ser tomada com mais rigor. Digo isso porque evitaríamos que

professores de qualidade, e que levaram o programa a sério, fossem comparados com aqueles indivíduos que apenas obtiveram o diploma e que estão no mercado de trabalho ostentando o título de pós-graduados, quando os mesmos mal conseguem escrever um artigo (vi casos de pessoas que não sabem). Depois reclamamos de pessoas que estão na 7 série do ensino fundamental e mal sabem ler, a mesma coisa acontece no nível superior, isso deveria ser corrigido.

No que tange propriamente à área de língua por si só, penso que ainda existem algumas coisas que poderiam ser melhoradas (sempre tem), por exemplo, acho que precisaria existir uma disciplina que focasse mais a produção textual; a disciplina até existe, mas ela é trabalhada em apenas um semestre, o que acontece que os alunos terminam o curso completo e mal conseguem escrever um abstract, a proporção de alunos que não sabem é maior do que a que sabem, talvez se a produção textual tivesse mais carga horária teríamos um avanço na qualidade da escrita. Outra disciplina que precisaria ter um foco maior seria a das leituras dos clássicos da literatura em inglês. Terminar um curso de graduação em inglês sem ter lido as obras de Shakespeare, ou de Charles Dickens, por exemplo, é fazer um curso incompleto em que os alunos precisariam desse envolvimento com as grandes obras da literatura inglesa. Existe um foco muito grande em estudar/pesquisar as teorias e pouca leitura das obras. Talvez fosse interessante trabalhar cinco ou seis autores que dessem a esses alunos uma bagagem cultural das grandes obras da literatura inglesa, pensa-se que demandaria muito tempo pra trabalhar obras completas, mas se o curso fosse voltado apenas para a língua inglesa, sobriaria tempo para fazer um curso em que coubesse a leitura dessas obras. Quando muito, li no curso dois textos queratavam sobre Shakespeare e discutimos brevemente sobre Beowulf.

Em relação à produção científica, penso que existe muito pouco amadurecimento por parte dos alunos. Percebi que muitos de meus colegas não conseguem pensar a ciência de forma adequada, e isso impede que eles pensem cientificamente qualquer aspecto. Existe uma dificuldade muito grande de conceituar cientificamente algum aspecto. Reconheço que essa dificuldade surge porque essa temática praticamente não é trabalhada corretamente no ensino médio, e isso faz com que os alunos cheguem ao ensino superior sem saber o que é ciência e como pensá-la no âmbito acadêmico. O que mais me surpreende é saber que tem gente (e não são poucos) que termina a graduação sem entender o que é ciência (fingir saber não é saber), sem saber o que é uma teoria no campo científico, e vi muito isso. Digo isso porque essa disciplina é a mola mestra pra produção e continuidade da educação acadêmica. Pensar a linguagem cientificamente é saber aplicar os conceitos e metodologias da pesquisa científica na continuidade da carreira acadêmica. Vi a disciplina Metodologia da Pesquisa Científica duas vezes (uma na graduação e uma na pós) a meu ver essa disciplina não foi bem trabalhada, visto que apenas dois alunos conseguiram escrever um projeto de pesquisa para a admissão no programa de mestrado. Se tal disciplina fosse adequadamente trabalhada, teríamos muito alunos engajados nesse propósito. Não digo da qualidade dos professores da disciplina, muito embora tenha as minhas observações a fazer sobre opiniões emitidas

que me deixaram com uma pulga atrás da orelha, que eu não gostaria de expor aqui por questões éticas. Mas, em muitos aspectos, a disciplina poderia ajudar melhor a desenvolver o senso de curiosidade para pensar a ciência como ela deveria ser pensada. Isso seria muito válido para o andamento da formação do pesquisador.

Eu poderia dizer mais, mas preciso concluir. No geral, só posso falar por mim, tem coisas que guardo e faço uso pra minha carreira enquanto professor/pesquisador, outras jogo aos porcos (com a permissão do termo), Vi e ouvi muitas coisas que me desagradaram enquanto aluno da instituição como um todo, o relaxamento de alguns professores (dei varias viagens em vão, a aula simplesmente não aconteceu), essa é uma das coisas que me chamaram mais a atenção, mas isso cabe a alguns professores (alguns me disseram que “simplesmente esqueci que eu tinha aula com vocês hoje/ontem”, isso é um total descaso. Professores com opiniões generalizadas e estereotipadas sobre a “cultura” do aluno, alguns emitem opiniões (que as vezes soam como preconceitos). Em outras palavras, eu poderia afirmar que, mesmo na universidade, existem professores doutores que usam termos que denigrem a moral do aluno, com opiniões do tipo “Seu trabalho está uma PORCARIA”, ouvi isso de um professor e achei um absurdo, não esperaria tais termos de um doutor. Existem mil maneiras de se expressar um descontentamento, com certeza essa não é uma delas. Essas coisas precisariam ser discutidas para que fossem evitados que os professores, que ali estão sendo formados, não reproduzam a “linguagem do terror” pelas salas de aula da vida. Esses precisam ser lugares de criação intelectual e não um campo minado onde os sonhos são tornados em pesadelos.

Concluo afirmando que o curso é ótimo para aqueles que sabem aproveitá-lo. Infelizmente, ao que me parece, a escola (ensino fundamental e médio) não está cumprindo o papel dela e entregando à Universidade os alunos preparados para dar seguimento às suas carreiras estudantis, muitos chegam com deficiências as mais diversas e não cabe à universidade corrigir tais problemas, o que deveria ser um ensino mais proveitoso, acaba se tornando uma carga pra muitos.